

Um desencanto venenoso

José Nêumanne Pinto

Na introdução à edição espanhola de Lições sobre a filosofia da história universal, de G. W. F. Hegel, José Ortega y Gasset escreveu que "o que mais vale no homem é sua capacidade de insatisfação". Segundo o grande filósofo espanhol, "se algo divino o ser humano possui é, precisamente, seu divino descontentamento, uma forma de amar sem ser amado e uma espécie de dor que sentimos em membros que não temos. Mas sob o gesto insatisfeito do jovem príncipe Hamlet que faz o homem ante o universo se escondem três estados de espírito muito diferentes: dois bons e um mau".

Na opinião do pensador, o que há de mais nobre no homem é o sentimento de insatisfação que revela diante de tudo quanto a realidade lhe apresenta de imperfeito e de incompleto. Este sentimento é, contudo, externo: nele o homem não se percebe como autor ou cúmplice da imperfeição. O homem vai além quando passa a ter consciência de que não apenas a imperfeição existe, mas também pode ser evitada pela ação humana, seja individual, seja coletiva. Há, contudo, um descontentamento negativo, que não se caracteriza por este "instinto frenético em direção ao ótimo", mas pelo "gesto petulante de desgosto que passeia pela existência e que é cego para perceber as qualidades valiosas existentes nos seres".

Ao ler, no último fim de semana, os resultados estatísticos de duas pesquisas de opinião pública divulgados pelo *Jornal do Brasil* e pela *Folha de S. Paulo*, o autor deste artigo teve a suprema pretensão de descobrir a existência de um quarto sentimento de insatisfação, ausente da preciosa definição do grande pensador espanhol. A decepção, a descrença e a falta de rumos que os brasileiros demonstraram, na pesquisa nacional feita pelo Instituto Gallup para classificar o desempenho do governo e da Constituinte, são muito semelhantes à insatisfação exposta pelos entrevistados da Datafolha a respeito dos governos estaduais do Rio, Minas e Rio Grande do Sul. Os resultados das pesquisas mostram, acima de tudo, que o desempenho da elite política e administrativa no Brasil é decepcionante para a sociedade, que também não apresenta alternativas para que tal desempenho melhore. Atrás das tabelas de percentagens, habita um espírito negativista e destrutivo de um aglomerado de pessoas adultas que reagem infantilmente: esperavam desses políticos grandes soluções e não vêem nenhum resultado, a não ser a imperfeição — e o que é pior — incompleta.

Justamente aí, parece incompleta a classificação de Ortega y Gasset. Este sentimento crítico, o desencanto coletivo, não pode ser classificado como um "instinto frenético em direção ao ótimo", mas também não será definido completamente se for classificado como apenas um "gesto petulante de desgosto", que não leva em conta eventuais qualidades do objeto criticado. No fundo, o desencanto, que passeia pela alma brasileira, neste momento preciso, é perfeitamente explicável, se considerado apenas o objeto de crítica: os governos federal e estaduais são decepcionantes, a Constituinte é alienada. Mas, ao mesmo tempo, seus passos são dados na alameda da hipocrisia: os governos estaduais e a Constituinte foram eleitos pelo voto popular, em escolha livre, soberana e adulta da sociedade, e o governo federal é o resultado de um pacto político de elites que alcançou índices inusitados de aceitação popular na História da República brasileira.

Mas não é só isso. Na verdade, há algo muito mais nocivo (corrosivo seria a palavra mais exata) do que a incompetência que grassa nas esferas administrativas do poder instalado na República brasileira. Esse algo é um impulso suicida que a sociedade brasileira, como um todo, parece estar

tomando em direção ao abismo, arrastando consigo os incompetentes que ela escolheu para governá-la. Esse impulso suicida é o responsável pela barreira de preconceitos e idiosincrasias que se arma contra qualquer tentativa lúcida de abrir o País na direção da liberdade e da modernidade. Não foi apenas por culpa de José Sarney, Ulysses Guimarães, Mário Covas, Newton Cardoso ou Jânio Quadros que o Brasil resolveu tomar a direção da contramão da História, a 250 quilômetros por hora, durante o rush, na avenida principal. A culpa principal desta elite política no poder, mais além de sua reconhecida incompetência na gestão administrativa, é a de tentar apenas atender a esse impulso suicida da sociedade, seja por falta de visão, seja por mero oportunismo político.

Esta constatação já basta para armar de presunção o autor deste artigo, fazendo com que cometa a suprema heresia de querer completar don José Ortega y Gasset. Na verdade, a insatisfação que preenche as tabelas das pesquisas publicadas nos jornais não tem um caráter construtivo, capaz de modificar a imperfeição, corrigindo o rumo dos fatos. Ao contrário, este sentimento de desencanto, que virou uma espécie de frêmito da sociedade brasileira perplexa ante seu próprio desatino, contém um veneno muito perigoso: o de acentuar os defeitos que afastam o País da perfeição impossível, cegando-o para tudo o que de evidente existe a mostrar seu rumo errado, ou melhor, errático.

Esta manifestação errática não cega o País, contudo, apenas para as virtudes de fora, mas principalmente para os defeitos de dentro. Percebe-se que os governos estaduais, que completaram seis meses terça-feira passada, já acabaram, sem ninguém sentir falta ou perceber. Percebe-se que a administração Sarney se afunda na areia movediça de seus próprios equívocos. Já se sabe que o Congresso Constituinte, eleito livre e legitimamente pelo povo, não tem suficiente sensibilidade para redigir um pacto político durável e realista. O que a sociedade parece não querer perceber, de forma teimosa e irredutível, é que tudo isso não acontece apenas por causa dos defeitos individuais das pessoas que são células destes organismos criticados, mas principalmente pela reserva armada de seu enorme ressentimento coletivo.

Os entrevistados pelo Gallup detectaram que os políticos se afastaram das ruas. Na verdade, as ruas nunca foram, na História política deste Brasil centralizador, paternalista e acomodado, o principal cenário da prática política. O nó fundamental que amarra o Brasil ao passado colonialista, cartorial e corporativista é a existência de um equívoco fundamental: aqui se confunde a administração pública com o interesse privado e a atividade econômica individual, ao contrário, é encarada como um bem público, a ser cerceado pela burocracia militante. Mas este não é um defeito de Wellington Moreira Franco, muito menos uma especialidade do frágil ministério Sarney. Esta é uma doença crônica, arraigada à alma brasileira, uma indissolúvel característica macunaímica, que nos ata ao atraso, com a pretensão de nos arrancar das garras de todos quantos — externos a nós — já atingiram a prosperidade.

Não há prosperidade sem insatisfação. Mas nem toda insatisfação é benéfica. Com o perdão de don José, revendo sua definição magnífica, este desencanto só é útil para quem quer manter a miséria, por acreditar que esta é a única forma de assegurar seus privilégios. É preciso, portanto, combater este veneno com o único antídoto disponível — a denúncia de sua existência.